

**VIAGEM PELO TEMPO 1**

Quando, no início de 2018, Atalie foi convidada pela Prefeitura de Torres Vedras, município de Portugal próximo a Lisboa para fazer uma exposição individual e uma residência artística no local, me apresentei imediatamente para ser o carregador de malas. À época, Lula (mesmo prisioneiro político em regime de exceção) era meu candidato a presidente e liderava as pesquisas. Após o golpe de 2016, sabia-se que o objetivo central dessa turma era impedi-lo de ganhar novamente e governar para os mais pobres, que são os que precisam de governo nesse país ingovernável. A nomeação do ex-juiz Moro como ministro do Boçal e a entrevista do general é apenas uma comprovação do nauseante cinismo da dura realidade em que vivemos. Como a data fixada coincidia com o período eleitoral, não havia o que fazer. O planejamento foi longo, pois queríamos aproveitar a oportunidade para conhecer um pouco mais Portugal.

Foi só a viagem se avizinhar que, não mais que de repente, surgiu um furacão tão ameaçador quanto o Boçalnaro. Preferimos embarcar no aeroporto de Viracopos em Campinas, evitando a capital paulista. O fracasso da sua privatização é evidenciado pela quantidade de locais fechados e áreas inacabadas. O vôo tranquilo, apesar do furacão Leslie, cumpriu rigorosamente o horário e estávamos em Lisboa ao amanhecer de uma segunda-feira que logo se revelou caótica. A passagem do rebaixado furacão a tempestade tropical deixou árvores caídas, chuvas e ventos fortes fizeram estragos e muitos acidentes de carros nas pistas transformaram o trânsito relativamente tranquilo em complicado, mas nada que dois turistas acidentais não relevassem. Ficamos em localização excelente na freguesia de Belém, a quinze minutos a pé do Mosteiro dos Jerônimos, com ônibus na porta para o centro da cidade e ao lado do belo parque dos Moinhos de Santana.

As dicas que recebi foram boas: comprar chip de celular na Vodafone e cartão Lisbon 72 horas, com direito a circular em todos os sistemas de transportes (ônibus, metrô, bonde) e descontos ou gratuidade em museus. Valeram a pena, pois usamos por toda parte. Começamos pelas proximidades de nosso apartamento. A pé, descobrimos o estádio do Belenenses, os Jerônimos, o padrão do descobrimento, a torre de Belém, os pastéis de nata, o Museu dos Coches (com direito a arquitetura do Paulo Mendes da Rocha), o Centro Cultural do Belém, o MAAT (um novo museu de arte e arquitetura), todos muito próximos entre si e articulados por praças, jardins e calçadas impecáveis.

Após o fim da ditadura salazarista em 1974 e das guerras coloniais que redundaram na libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, e a entrada de Portugal na zona do euro, o país mudou. Cortado por grandes autopistas e um bom sistema de trens, a circulação é rápida e tranquila pelo país, que é bem pequeno em relação ao Brasil, tem apenas 560 km de norte a sul. Entre Lisboa e Porto, as duas maiores cidades, são pouco mais de 300 km de distância. Usamos bastante o sistema público de transporte de Lisboa, que funciona bem. O metrô é bom, só tem escadas demais. O ônibus também flui por vias exclusivas, as paradas são cobertas, tem onde sentar e a lista de linhas e horários, que são cumpridos. Então é fácil e relativamente mais barato (dentro da zona do euro, tudo é muito caro para quem ganha em reais) circular pela cidade.

Começamos pelo centro da cidade, remodelado após o grande terremoto de 1755 que arrasou Lisboa. O grande pórtico da Rua Augusta, ao centro da Praça do Comércio é o atrativo visual mais importante. Circulamos entre o casario e lojas, cafés, abarrotados de magotes de turistas do mundo todo. Fomos ao mercado da Ribeira e ao cais Sodré, espaços remodelados e modernizados com um urbanismo de qualidade. Almoçamos numa simpática tasca em ladeira do bairro do Chiado, onde depois fomos conhecer o Museu Nacional de Arte Contemporânea, que possui uma expografia impecável. (Continua)

Mauro Ferreira é arquiteto